

Prato Covo
(tardo com esferas armilares)



Prato covo, circular, com parede arredondada e pé inclinado para o interior, executado em porcelana branca, espessa e pesada, revestida de vidrado, sendo evidente que este foi aplicado por mergulho, notando-se uma escorrência espessa junto do bordo. A base convexa apresenta estrias concêntricas deixadas pelo torno. As marcas deste são também visíveis nas impressões aneladas da parede.

A decoração, pintada a azul forte sob o vidrado, reparte-se por vários registos compreendidos entre círculos. No interior, no centro, medalhão formado por dragão alado rodeado por ondas de crista branca entrecortadas por jactos de espuma e chamas.

Prato Covo
(Tardo com armas reais de D. Manuel I)



Prato covo, circular, com caldeira com bordo direito, sobre pé curto inclinado para o interior. Foi executado em porcelana branca, espessa e pesada, ao torno, cujas marcas deixaram impressões aneladas no exterior da parede e nas estrias concêntricas na base convexa. A pasta foi revestida de vidrado espesso e azulado, à excepção da extremidade do pé, onde o limite do vidrado é marcado por linhas alaranjadas e a pasta tomou uma cor rosada em contacto com a atmosfera do forno.

A decoração foi pintada a azul-cobalto sob o vidrado e bem contornada por fino traço num azul mais escuro. O interior apresenta um dragão com cauda com volutas enrolado sobre si próprio, formando um medalhão, rodeado por cinco símbolos auspiciosos. A composição é emoldurada por oito arabescos

A composição é emoldurada por seis arabescos de lótus estilizados, pendentes de banda estreita com cinco hastes com corola central separadas entre si por um insecto ladeado por ponto. A parede, lisa, remata, em volta do bordo, com cercadura de entrecruzados com quadrifólios inscritos e pontos. No tarsoz, separados por nuvens de três caudas e uma muito pequena e estilizada: duas esferas armilares, a empresa de D. Manuel I, o monograma IHS – iniciais do nome de Jesus em grego e também entendidas como uma abreviatura da expressão latina *Jesus Hominum Salvator* (Jesus Salvador dos Homens) - rodeado por coroa de folhagem, e dois medalhões com paisagem chinesa. Pé e bordo ornados por dois círculos.

A esfera armilar foi a divisa concedida a D. Manuel I por seu cunhado e antecessor, El-rei D. Joao II, coisa que pareceu de mistério e profecia, porque lhe deu a esperança de sua real sucessão. A partir de 1504, D. Manuel associou sistematicamente ao escudo de Portugal as duas esferas que passam a constituir a sua divisa. A esfera apresenta cinco arcos paralelos – Equador, Trópicos de Câncer e Capricórnio e Círculos Polares Ártico e Antártico – sendo a profundidade sugerida por um meridiano desenhado em perspectiva e pela faixa correspondente a eclíptica. Esta é utilizada para nela se inscrever o nome ou as iniciais do monarca, por vezes com erros ortográficos, os signos do zodíaco ou *Spera in*

de lótus estilizados, pendentes de banda estreita com seis hastes com corola central separadas entre si por símbolos auspiciosos, estilizados, entre duas contas. A parede, lisa, remata com cercadura de entrecruzados e pontos. No tarsoz, alternados com nuvem de três caudas e uma muito pequena, cinco medalhões: dois com o monograma IHS, um com as armas reais portuguesas, com alguns erros e em posição invertida (as mais bem representadas de entre as que figuram em pratos similares), e dois contendo paisagem com ave poisada. Pé e bordo ornados por dois círculos.

São conhecidos mais oito pratos semelhantes a este: dois na Fundação Medeiros e Almeida, um na Fundação Carmona e Costa, ambas em Lisboa, dois na Colecção RA (estrangeira), um na Fundação Jorge Álvares (com as esferas armilares e o IHS), e três em colecções particulares. Todos eles apresentam forma, dimensões e características físicas similares, e ainda os mesmos defeitos de cozedura, que se traduzem na forma irregular, na abertura e furos da pasta, na repetição da decoração, o que nos leva a supor que foram manufacturados numa pequena oficina de província e provavelmente pelos mesmos artesãos. Estes recorriam evidentemente aos motivos decorativos mais comuns: dragões, fénix, espécie de rosácea e símbolos auspiciosos. Este facto deu origem a objectos idênticos, mas que detêm o encanto de terem sido realizados um a um como se fossem

Deo (Espera em Deus)... A representação da esfera armilar apresenta, por vezes, uma faixa com a alma da empresa: *Spera in Deo et fac bonitatem* (Confia em Deus e pratica o bem), expressão inspirada na sabedoria bíblica, remetendo-nos para o Salmo 36, versículo 3: “Espera no Senhor e faz o bem; habitarás a terra em plena segurança”.

A associação do poder de Deus ao poder régio faz-se normalmente pela presença de dois ou mais anjos ladeando o escudo, por vezes, S. Miguel, o anjo de Portugal; Deus Pai que surge no céu; o tema régio dos evangelistas S. João e S. Lucas; o rosto de Cristo e o monograma IHS.

Por isso, não é de admirar que os símbolos do poder real e a presença divina apareçam associados também sobre as primeiras porcelanas encomendadas para o mercado português, certamente com destino à corte, já que só o Rei podia usar a sua divisa e era grande apreciador das finíssimas porcelanas.

São conhecidos mais oito pratos semelhantes a este, fruto do encontro de culturas: dois na Fundação Medeiros e Almeida, um na Fundação Carmona e Costa, ambas em Lisboa, dois na Coleção RA (estrangeira), um na Fundação Jorge Álvares (com as armas reais e o IHS) e dois em coleções particulares. Todos eles apresentam forma, dimensões e características físicas similares, e ainda os mesmos defeitos de cozedura, que se traduzem na forma irregular, na abertura e furos da pasta, na repetição da decoração, o

peças únicas.

Estes pratos normalmente são datados de c. 1520-1540, mas a sua comparação com um exemplar da Coleção RA decorado com um dragão alado (motivo também utilizado nos pratos em apreço) e enrolamento de lótus, ostentando na base, dentro de duplo círculo, a marca, *Zhengde nian zao* (Feito no período Zhengde), com características técnicas, forma e decoração semelhantes aos encomendados para o mercado português, leva-nos a concluir que foram feitos na mesma época e muito provavelmente no mesmo forno, permitindo-nos datá-los com mais precisão, a época de Zhengde (1506-1521), contemporâneo de D. Manuel I, o monarca português que incentivou as viagens à China.

Este prato, juntamente com os seus congéneres, integra o grupo de cerca uma centena e meia de peças manufacturadas para o mercado português desde os anos 1520 até ao fim da dinastia Ming (1644), hoje disseminadas por várias colecções públicas e privadas em Portugal e no estrangeiro, que associam motivos chineses com os símbolos do poder real – conjunto escudo e coroa, reforçado pela esfera armilar – e a presença divina no tema régio através do monograma do Santo Nome de Jesus – IHS – as três primeiras letras do nome de Jesus em grego, sendo também comum o seu entendimento como abreviatura da expressão latina *Jesus Hominum Salvator* (Jesus Salvador dos Homens).

que nos leva a supor que foram manufacturados numa pequena oficina de província e provavelmente pelos mesmos artesãos.

Este prato, juntamente com os seus congéneres, integra o grupo de cerca uma centena e meia de peças feitas para o mercado português desde os anos 1520 até ao fim da dinastia Ming (1644), hoje disseminadas por várias colecções públicas e privadas em Portugal e no estrangeiro, que associam motivos chineses (dragões entre nuvens e vagas, fénix a voar entre enrolamentos de lótus, espécie de rosácea e símbolos auspiciosos) com os símbolos do poder real – conjunto escudo e coroa, reforçado pela esfera armilar – e a presença divina no tema régio através do monograma do Santo Nome de Jesus, IHS.

Este prato é, portanto, um importante testemunho da primeira fase das relações sino-portuguesas, integrando a série de porcelanas que constituem as mais antigas encomendas personalizadas conhecidas feitas por europeus à China, comprovando o pioneirismo dos portugueses no comércio da porcelana.

Exposições em que a peça figurou:

Via Orientalis, Europalia 91 Portugal, Bruxelles, Galerie de la CGER, 24 de Setembro – 15 de Dezembro, 1991;

Do Tejo aos Mares da China. Uma epopeia portuguesa, Palácio Nacional de Queluz, 9 de Março – 30 de Abril de 1992, Musée des Arts asiatiques – Guimet, Paris, 19 de Maio – 31 de

Tradicionalmente, os objectos portadores deste monograma são conotados com os jesuítas, que o adoptaram com especial intencionalidade identitária. Com efeito, Inácio de Loyola escolheu-o para seu selo oficial e ordenou que fosse colocado sobre a porta das casas da Companhia, pois queria que os seus religiosos fossem conhecidos como os “Companheiros de Jesus” e não de Inácio. No entanto, estes pratos, pela sua forma, dimensão e características precedem a fundação da Companhia inaciana. O facto nada tem de estranho, pois o IHS está associado ao culto do nome de Jesus, comum entre as comunidades eclesiais, mormente ordens religiosas, desde o século XV. Tal culto – e respectiva expressão iconográfica, através do monograma – foi preocupação pastoral de S. Bernardino de Siena (1380-1444), um franciscano, tendo-se espalhado, a partir de Itália, por toda a Europa da época. Neste cenário é de realçar que, nas primeiras quatro décadas do século XVI, encontramos no terreno evangélico da Índia “os sacerdotes de armada”, constituídos na sua maioria por franciscanos, enquanto a Companhia de Jesus, fundada em 1534 e reconhecida oficialmente pelo Papa Paulo III, em 1540, só tomou parte na cristianização do Oriente em 1541, a pedido do monarca português, D. João III. S. Francisco Xavier alcançou Goa em 1542, e só dez anos depois tenta encetar a missão na China, tendo morrido em Sanchoão, em 1552, sem conseguir o seu

Agosto de 1992;

Caminhos da Porcelana. Dinastia Ming e Qing, Lisboa, Parque das Nações, 1998;

Os Fundamentos da Amizade. Cinco Séculos de Relações Culturais e Artísticas Luso-chinesas, Lisboa, Centro Científico e Cultural de Macau, 30 de Novembro 1999 – 31 de Maio de 2000.

Ficha Sucinta

Prato

Dinastia Ming (1368-1644), c. 1520

Porcelana branca decorada a azul-cobalto sob o vidrado

Alt. 6,5-6,8cm; Diâm. 31,1-31,7cm

Maria Antónia Pinto de Matos
Directora do Museu do Azulejo

objectivo.

Este exemplar é um importante testemunho da primeira fase das relações sino-portuguesas, integrando a série de porcelanas que constituem as mais antigas encomendas personalizadas conhecidas feitas por europeus à China, comprovando o pioneirismo dos portugueses em tão profícuo comércio.

Exposições em que a peça figurou:

Via Orientalis, Europalia 91 Portugal, Bruxelles, Galerie de la CGER, 24 de Setembro – 15 de Dezembro, 1991;

Do Tejo aos Mares da China. Uma epopeia portuguesa, Palácio Nacional de Queluz, 9 de Março – 30 de Abril de 1992, Musée des Arts asiatiques – Guimet, Paris, 19 de Maio – 31 de Agosto de 1992;

Caminhos da Porcelana. Dinastia Ming e Qing, Lisboa, Parque das Nações, 1998;

Os Fundamentos da Amizade. Cinco Séculos de Relações Culturais e Artísticas Luso-chinesas, Lisboa, Centro Científico e Cultural de Macau, 30 de Novembro 1999 – 31 de Maio de 2000.

Ficha Sucinta

Prato

Dinastia Ming (1368-1644), c. 1520

Porcelana branca decorada a azul-cobalto sob o vidrado

Alt.: 7-7,2cm; diâm. bordo: 30-30,4cm; diâm. pé: 19,4-19-6cm

Maria Antónia Pinto de Matos
Directora do Museu do Azulejo